

As possibilidades sucessórias em estabelecimentos de pecuária de corte no estado do Rio Grande do Sul

Tanice Andreatta

Professora da Universidade Federal do Pampa. Doutora em Desenvolvimento Rural pela Universidade Federal do Pampa.
tani.andreatta@hotmail.com

Rosani Marisa Spanevello

Professora do Departamento de Zootecnia da Universidade Federal de Santa Maria. Doutora em Desenvolvimento Rural pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
rspanevello@yahoo.com.br

Resumo: Este trabalho objetiva analisar as possibilidades sucessórias dos pecuaristas criadores de bovinos de corte no Rio Grande do Sul, tomando por base uma amostra constituída por 516 pecuaristas, estratificados em quatro grandes grupos, a partir da utilização da análise fatorial e da análise de clusters. Aqueles que compõem o grupo dos Pecuaristas-Lavoureiros Especializados e o dos Pecuaristas-Lavoureiros Convencionais são os que mais desejam que os filhos prossigam na atividade e já possuem um provável sucessor. Já o grupo dos Pecuaristas Estacionários e o dos Pecuaristas Consolidados reforçam não ter ou não saber se terão sucessores. As diferenças em torno das perspectivas sucessórias dos grupos estão relacionadas às condições econômicas e produtivas e são mais significativas entre os Pecuaristas-Lavoureiros Especializados e os Pecuaristas-Lavoureiros Convencionais.

Palavras-chave: Sucessão; Pecuaristas; Rio Grande do Sul.

The succession possibilities in beef cattle establishments in the state of Rio Grande do Sul

Abstract: The objective of the paper is to analyze the succession possibilities of the beef cattle producers in Rio Grande do Sul. The sample is constituted by 516 cattle producers stratificationed in four big groups, from the use of the factorial and the clusters analyses. The groups of the Specialized Cattleman-Farmers and of the Conventional Cattleman-Farmers are those that more want their children continue with the activity and they already have a probable successor. But, the group of the Stationary Cattle Farmers and of the Consolidated Cattle Farmers reinforces more intensely not to have or not to know if they will have successors. The differences around the succession perspectives of the groups are related to the cattle farmers' economical and productive conditions being more significant among the Specialized Cattleman-Farmers and the Conventional Cattleman-Farmers.

Keywords: Succession; Beef Cattle Producers; Rio Grande do Sul.

Las posibilidades de sucesión en fincas de producción ganadera bovina de corte en el estado de Río Grande del Sur

Resumen: El objetivo del trabajo es analizar las posibilidades de sucesión de los ganaderos que crean vacunos de corte en Río Grande do Sul, parte sur del Brasil. La muestra se compone de 516 ganaderos, estratificados en cuatro grandes grupos a partir de la utilización del análisis factorial y del análisis de clusters. El grupo de ganaderos que realizan agricultura especializada y los ganaderos que hacen agricultura convencional son los que más desean que sus hijos continúen en la actividad y ya tienen un posible sucesor. Sin embargo, los ganaderos estacionarios y aquellos consolidados en la actividad sustentan que no tienen o no saben si tendrán sucesores. Las diferencias acerca de las perspectivas de sucesión de los grupos están relacionadas con las condiciones económicas y productivas de estos ganaderos, y son más significativas entre los Ganaderos-Agricultores-Especializados y Ganaderos-Agricultores Convencionales.

Palabras Clave: Sucesión; Ganaderos; Río Grande del Sur.

1. Introdução

A reprodução social no meio rural é demarcada pela colocação dos filhos no lugar dos pais, na condição de sucessores dos estabelecimentos agropecuários. Trata-se de um processo que acontece ao longo das gerações com o objetivo de garantir a continuidade das funções produtivas e sociais dos estabelecimentos, bem como das comunidades rurais a que pertencem.

De maneira geral, os estudos referentes à reprodução social dos estabelecimentos agropecuários têm tratado a questão com foco nos estabelecimentos essencialmente agrícolas, especialmente os caracterizados como familiares. Entre os principais trabalhos produzidos, especialmente na Região Sul do Brasil, merecem destaque os estudos de Santos (1984); Schneider (2003) e Woortmann (1995), entre outros.

Da mesma forma, pesquisas em universos localizados, tais como as de Silvestro *et al.* (2001), na região oeste de Santa Catarina, e Brumer e Spanevello (2008), nos estados de Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, buscam compreender, entre outras questões, a caracterização dos filhos dos agricultores familiares, suas perspectivas de permanência no meio rural e na agricultura e, conseqüentemente, a possibilidade da sucessão nos estabelecimentos agropecuários. De modo geral, as pesquisas apontam distintas posições no que diz respeito às perspectivas sucessórias: uma maior disposição dos filhos em permanecer na atividade agrícola, em contraposição à vontade das filhas de seguir para o meio urbano.

Outros estudos, tais como o de Spanevello (2008), expõem as diversas dificuldades que as famílias vêm enfrentando para garantir a permanência de pelo menos um filho no estabelecimen-

to, na condição de sucessor. Isso ocorre em razão do acentuado êxodo juvenil - especialmente das filhas -, das condições econômicas e produtivas dos estabelecimentos, dos incentivos morais e materiais por parte dos pais para que os filhos permaneçam no estabelecimento, da infraestrutura de lazer existente na comunidade, da ausência de outros jovens, entre outros.

No entanto, estudos referentes à reprodução social com base nos estabelecimentos voltados à produção pecuária são pouco significativos no Brasil. Com base nesses preceitos, este artigo possui como meta contribuir com as discussões que tratam da questão da reprodução social, retratando as perspectivas e/ou possibilidades sucessórias entre produtores pecuaristas. De forma mais direta, o objetivo do trabalho é analisar as possibilidades sucessórias dos pecuaristas criadores de bovinos de corte no estado do Rio Grande do Sul.

2. A dinâmica sucessória nos estabelecimentos agropecuários

Para Gasson e Errington (1993), a reprodução social dos estabelecimentos agropecuários, também denominada de reprodução intergeracional, é um processo de longo prazo, composto por diferentes fases, sendo uma delas a sucessão. Conceitualmente, o termo sucessão significa a transferência do controle ou do gerenciamento sobre o uso do patrimônio familiar aos filhos sucessores ou à próxima geração (GASSON; ERRINGTON, 1993; RAMOS, 2004).

A sucessão é um processo dinâmico cuja duração varia conforme a dimensão jurídica (ou legal) e cultural em que estão inseridos os agricultores (GASSON; ERRINGTON, 1993). No processo sucessório, são fundamentais os seguintes aspectos: so-

cialização dos filhos no trabalho familiar; identificação ou escolha do sucessor; domínio do pai no comando deste processo; transferência do patrimônio dos pais para os filhos; momento da transferência e a forma de distribuição do patrimônio, ou seja, repartir entre todos ou manter assegurada para apenas um (GASSON; ERRINGTON, 1993).

A discussão sobre o processo sucessório no meio rural torna-se relevante em razão das principais características sociais existentes nas atividades agropecuárias: a percentagem de filhos que herdam a ocupação dos pais é uma das mais altas entre todas as classes ocupacionais (SOROKIN *et al.*, 1986). A população que permanece no meio rural apresenta uma taxa de mudança ocupacional durante o espaço de vida de várias gerações, assim como durante o espaço de vida de uma geração, mais baixa em relação às pessoas residentes no meio urbano (SOROKIN *et al.*, 1986). O exercício das atividades agropecuárias ou a ocupação neste tipo de atividade continua sendo predominantemente realizado por indivíduos oriundos do próprio meio rural, embora esta ocupação seja uma opção aberta para indivíduos de origens sociais diversas (CHAMPAGNE, 1986a; DIRVEN, 2001; SILVESTRO *et al.*, 2001).

No que se refere à organização interna, os estabelecimentos agropecuários, principalmente os familiares, não apresentam uma separação nítida entre o destino da produção, a execução e a administração das atividades. Baseado nos pressupostos Chayanovianos, Chia *et al.* (2003), ao diferenciarem o estabelecimento familiar do estabelecimento empresarial, expõem que principalmente os estabelecimentos familiares tendem a cumprir três funções simultaneamente: a produção para a geração de renda, a produção para o consumo e a acumulação de patrimônio.

Neste sentido, uma das tarefas mais difíceis para o agricultor é desenvolver um balanço equilibrado entre essas funções. Um aumento do custo de vida da família pode significar o adiamento de um investimento, ou seja, existe um *trade-off* entre consumo presente e consumo futuro. Tais características ocorrem com o intuito de preservar o patrimônio, assegurar um determinado nível de vida à família e manter e/ou expandir os meios de produção para a próxima geração. Assim, o equilíbrio interno dessas três funções é decorrente da situação da família. Por um lado, esta situação é caracterizada pelo tamanho e pelo ciclo de vida do grupo familiar (expansão, maturidade e regressão) e, por outro, pela perspectiva de sucessão que permite ao agricultor traçar os projetos de longo prazo.

Desta forma, o agricultor, no papel de administrador, pode se esforçar para aumentar a renda atual, no entanto, na condição de proprietário de terras, ele também pode estar interessado em maximizar o capital. O tempo utilizado no planejamento do estabelecimento agropecuário é longo, principalmente o familiar. A taxa de desconto implícita utilizada para avaliar os investimentos é relativamente baixa, uma vez que não leva ao extremo a perspectiva de maximização dos lucros. Com essa racionalidade, pode-se, então, realizar projetos que um administrador convencional, que prioriza os critérios de natureza econômica, não realizaria, em decorrência da baixa taxa de retorno (BONNEVIALE; JUSSIAU; MARSHALL, 1989; CHIA *et al.*, 2003; GASSON, 1973; GASSON; ERRINGTON, 1993; GASSON *et al.*, 1988).

A permanência e a sustentação dos estabelecimentos agropecuários, principalmente aqueles baseados na mão de obra familiar, podem torná-los sujeitos às flutuações da força de trabalho ao longo do tempo. Os objetivos do agricultor em relação ao

empreendimento também são passíveis de mudanças, as quais variam de acordo com os estágios e ciclos da família. No entanto, um fato que influencia as decisões de longo prazo é o envelhecimento dos operadores do estabelecimento e a identificação dos possíveis sucessores (CHIA; RAMDAN, 1999; CHIA *et al.* (2003); GASSON; ERRINGTON, 1993).

No contexto rural, muitas vezes o principal objetivo de um agricultor não é a maximização dos lucros, mas a transmissão e a sucessão do estabelecimento. Desta forma, o agricultor articula as decisões e as ações de maneira que proporcionem segurança e solidez para as gerações futuras. A transferência de riqueza e dos bens do agricultor é um dos principais incentivos para a construção/solidificação dos negócios, afetando não somente as decisões do cotidiano, como também as decisões de longo prazo. Nos estabelecimentos agropecuários, a escala de tempo é intergeracional. Assim, a lucratividade do curto prazo pode ser sacrificada desde que o agricultor vislumbre uma forma de obter crescimento de longo prazo (GASSON; ERRINGTON, 1993; GASSON *et al.*, 1988; MANN, 2007; ONDERSTEIJN; GIESEN; HUIRNE, 2006).

De um modo geral, as organizações enfrentam problemas relacionados à sucessão. Tal complexidade decorre não somente da necessidade de identificar e preparar um sucessor, mas também porque não existe uma separação nítida entre as relações de trabalho e as relações familiares. No momento da identificação de possíveis sucessores, podem ocorrer tensões entre os membros da família. Neste sentido, o planejamento intergeracional está permanentemente confrontado com o dilema de encontrar uma maneira de tratar todos os membros da família de forma equitativa.

A transferência intergeracional pode ser um processo tenso, permeado por disputas intrafamiliares, o que pode levar ao fracionamento do estabelecimento, comprometendo a viabilidade econômica e produtiva do mesmo e expondo-o a dificuldades financeiras. Em casos mais extremos, o fracionamento pode afetar a sobrevivência do empreendimento (GASSON; ERRINGTON, 1993). No entanto, os agricultores têm se mostrado bastante articulados para resolverem situações que emergem dos processos de sucessão.

As estratégias que permitem a sobrevivência do estabelecimento e da família dependem da capacidade de adaptação dos agricultores a essas situações. Entre estas estratégias, emergem articulações no sentido de que o sucessor pode adquirir o estabelecimento dos pais, sendo muitas vezes auxiliado por estes para realizar a aquisição. Outra forma de organização dos processos de sucessão que tende a existir é a de que o agricultor pode remunerar os demais filhos e transferir o estabelecimento para o sucessor. Outro procedimento convencional é a divisão do estabelecimento em partes iguais, com a possibilidade de o sucessor arrendar a área dos demais herdeiros.

Mais recentemente, tem ocorrido a aquisição do empreendimento por parte de herdeiros que deixaram o estabelecimento para trabalhar fora, capitalizaram e retornaram para assumir a sua respectiva parte ou a parte dos demais herdeiros. Já em casos em que nenhum dos filhos permanece no estabelecimento, este tende a ser vendido ou arrendado. Com o esgotamento da capacidade física de trabalho dos pais, estes acabam vendendo ou arrendando suas propriedades a outros agricultores, assim como para habitantes da cidade que transformam o local em sítio de lazer, ou ainda em estabelecimentos empresariais (ERRINGTON; GASSON, 1994; SILVA, 1999; SPANEVELLO, 2008; WANDERLEY, 2001).

Não menos complexa que a sucessão e/ou transmissão do estabelecimento, as questões relacionadas às aposentadorias também fazem parte da transferência intergeracional. Muitos agricultores vislumbram o estabelecimento agrícola como uma maneira de prover suas necessidades domésticas e financeiras, quando atingem uma determinada idade. Normalmente, isso ocorre no estágio em que declina a capacidade física dos chefes do estabelecimento para o trabalho (GASSON; ERRINGTON, 1993; SILVA, 1999; SPANEVELLO, 2008; WANDERLEY, 2001).

Esse aspecto está relacionado ao fato de que muitos agricultores, apesar de contarem com outras fontes de renda (arrendamentos, pensões, aposentadorias) que os possibilita residir em outras regiões, como no meio urbano, por exemplo, manifestam o desejo de permanecer no estabelecimento agrícola, mesmo não estando mais desempenhando as atividades produtivas. Frente a estas situações, é recorrente que duas gerações residam juntas, na mesma residência. Outra alternativa observada implica na mudança do filho sucessor e sua respectiva família para uma cidade ou vila próxima, enquanto os pais permanecem no estabelecimento; entretanto, a situação inversa também ocorre. A terceira forma de articulação observada é aquela em que os pais e o filho a ou filha que os sucederão permanecem no estabelecimento, contudo em residências separadas (SPANEVELLO, 2008; WANDERLEY, 2001).

Um elemento comum entre os autores acima citados é o de que as motivações dos agricultores e as maneiras como eles percebem a transferência intergeracional podem ter efeitos de longo alcance. Esta percepção tende a influir nas práticas e na organização dos estabelecimentos agropecuários. Um pequeno agricultor, por exemplo, tende a reproduzir um estabelecimento

agrícola que seja viável a pelo menos um agricultor de cada geração. Frente a esse objetivo manifesto, este agricultor não faz negócios que comprometam a propriedade da terra. Neste sentido, a expansão das atividades produtivas tende a ocorrer de forma que permita contemplar o objetivo principal, ou seja, assegurar o futuro dos herdeiros e herdeiras. Sendo assim, a expansão tende a ser conduzida de forma conservadora, pois o agricultor age dessa maneira para evitar riscos financeiros que comprometeriam a reprodução social e a continuidade do estabelecimento agrícola na família (SPANEVERELLO, 2008; WANDERLEY, 2001).

Quando se analisam os processos de sucessão, outro aspecto relevante identificado nos trabalhos de Gasson *et al.* (1988); Gasson e Errington (1993) e Gidarakou (2004) refere-se às oportunidades e restrições relacionadas ao estabelecimento. Esses autores demonstram que a identificação e a presença de um sucessor dependem das oportunidades ou restrições com as quais os agricultores trabalham. Os que trabalham com uma condição econômica mais favorável, ou são mais capitalizados, apresentam maiores possibilidades e facilidades na identificação de um sucessor. Em estabelecimentos maiores e mais eficientes economicamente, é possível identificar um sucessor mais facilmente, comparado-se com os estabelecimentos menores.

As questões relacionadas à sucessão são fundamentais para entender as decisões, principalmente aquelas voltadas aos investimentos do agricultor. As decisões de longo prazo tendem a ser o reflexo de um balanço que o agricultor faz, considerando a reprodução da família e do estabelecimento. Dessa forma, ele tende a tomar medidas que visem a conservar o nível de produção em um patamar mínimo o suficiente para assegurar o consumo da família e a manutenção dos meios de produção. Neste balan-

ço, também está incluída a preservação do patrimônio familiar, que garante os meios de produção a cada geração.

3. Procedimentos metodológicos e caracterização dos pecuaristas criadores de bovinos do Rio Grande do Sul

Este trabalho parte de uma caracterização e análise de estabelecimentos agropecuários envolvidos com a bovinocultura de corte no estado do Rio Grande do Sul – Brasil¹. Para tanto, são utilizadas informações advindas de 516 observações (estabelecimentos agropecuários) obtidas na base de dados do Projeto SEBRAE; SENAR; FARSUL (2005). A pesquisa de campo foi realizada entre os meses de junho e outubro de 2004, em 117 municípios do Estado.

Para a seleção das variáveis e a constituição dos perfis dos pecuaristas, foram utilizadas as técnicas estatísticas de análise fatorial² e de análise de *clusters*³. Estas permitiram identificar quatro grandes agrupamentos significativos, ou seja, quatro grandes perfis pecuaristas e/ou estabelecimentos, em maior ou menor grau, envolvidos com a criação de bovinos de corte. A caracterização do perfil socioeconômico dos pecuaristas, assim como a organização dos estabelecimentos, foram realizadas a partir da seleção de variáveis de caráter técnico-produtivas, socioeconômicas e comportamentais, que permitiram realizar uma contextualização de cada perfil.

Neste trabalho, é realizada uma análise detendo-se especificamente à percepção dos pecuaristas em torno de suas perspectivas quanto às restrições e possibilidades no que se refere às dinâmicas sucessórias em seus respectivos estabelecimentos. Na primeira parte, a análise contempla a amostra de um modo geral.

Na segunda, é realizada uma análise a partir de uma estratificação dos pecuaristas, ou seja, considerando a questão da sucessão em diferentes perfis de pecuaristas.

3.1 Caracterização dos perfis de pecuaristas e/ou estabelecimentos envolvidos com a bovinocultura de corte no Rio Grande do Sul

Dos quatro perfis identificados a partir da análise fatorial e da análise de *clusters*, dois deles reúnem basicamente os pecuaristas que apresentam como atividade produtiva principal a bovinocultura de corte, os quais são denominados de *Pecuaristas Estacionários* e *Pecuaristas Consolidados*. Os demais perfis, o dos *Pecuaristas-Lavoureiros Especializados* e o dos *Pecuaristas-Lavoureiros Convencionais*, são compostos pelos pecuaristas que implementam um sistema de produção em que a criação de bovinos, em maior ou menor grau, está associada às atividades de lavoura.

O primeiro e mais significativo perfil, o dos *Pecuaristas Estacionários*, foi descrito a partir do agrupamento de 249 pecuaristas e representa 48,3 % do total considerados na amostra. Em linhas gerais, este perfil reúne pecuaristas em que a média de idade do chefe do estabelecimento é mais elevada e com a menor média de anos de frequência escolar, um indicativo de um menor nível de escolaridade. A principal atividade produtiva é a bovinocultura de corte, realizada basicamente sobre o campo nativo.

Os indicadores de desempenho técnico-produtivos e de eficiência econômica são baixos e, na média geral, negativos, o que torna os pecuaristas deste perfil dependentes de recursos de outras fontes de renda que não as agrícolas. Apesar do ingresso de recursos financeiros advindos de outras fontes, estes pecuaristas encontram-se fragilizados economicamente. Em relação às

decisões produtivas, cerca de 30% mudou os respectivos sistemas de produção entre os anos de 2001 a 2004. Apesar de um período de crise aguda na bovinocultura, este foi o perfil em que o menor número de pecuaristas realizou mudanças no sistema de produção. Dentre os que realizaram, o aumento das áreas de lavoura com redução efetiva do rebanho figura como a principal mudança realizada.

Este perfil revela uma faixa mais elevada de pessoas da família que vivem e trabalham no estabelecimento e dedicam a ele em torno de cinco dias. Em relação à disponibilidade de mão-de-obra, mais de 50% provém de pessoas da família, que representam a maior participação no autoconsumo da produção bruta total (8,6%). Estas características, expressivas se comparadas aos demais perfis, denotam características bastante próximas da categoria de pecuaristas familiares.

Entre as principais motivações deste grupo de pecuaristas para criar bovinos de corte, destacam-se a tradição e satisfação familiar, 28,9% e 27,7%, respectivamente. Assim, mais de 50% destes pecuaristas - o percentual mais representativo de todos os perfis -, revela motivações de ordem não econômica para atuar na bovinocultura de corte.

O segundo perfil, denominado de *Pecuaristas Consolidados*, está organizado a partir da reunião de 161 pecuaristas e corresponde a 31,2% da amostra considerada. A atividade agrícola principal é a bovinocultura de corte, desenvolvida majoritariamente em áreas de pastagens, ocupadas com o campo nativo. Os indicadores de desempenho agroeconômicos médios são relativamente baixos, mas permitem apurar uma renda agrícola suficiente para garantir a reprodução social destes pecuaristas; muito embora seja expressivo o ingresso de recursos provenientes de ou-

tras fontes de renda, o que proporciona uma situação econômica estável. Entre os anos de 2001 e 2004, 42,2% dos pecuaristas deste perfil realizaram mudanças no sistema de produção; entre estas, destaca-se o aumento das áreas de lavouras, com redução do efetivo bovino. Provavelmente este rearranjo nos sistemas de produção é decorrente de uma estratégia para tentar aproveitar a atividade que apresentava uma conjuntura favorável, no caso, as lavouras anuais.

Como motivação para a criação de gado de corte, assim como no grupo anterior, também predominam os aspectos não econômicos. Deste modo, 29,2% dos pecuaristas destacam que atuam na bovinocultura devido à tradição familiar e 21,1% por satisfação pessoal, embora, a segurança relacionada à atividade apareça como um critério importante (19,2% dos pecuaristas).

À medida que os pecuaristas atribuem um peso significativo a critérios não econômicos para atuar em uma determinada atividade, pode ocorrer um abrandamento nas formas de produção. Por consequência, a tendência é a de que haja uma redução na produtividade e/ou rentabilidade da atividade. Também pode ser um indicativo de que a pecuária não se constitui na atividade principal, quando se analisa a remuneração e a composição de renda em nível de estabelecimento.

O terceiro perfil, denominado de *Pecuaristas-Lavoureiros Especializados*, está estruturado a partir da reunião de 51 pecuaristas e corresponde a 9,9% do total da amostra. Diferentemente dos anteriores, os pecuaristas reunidos neste perfil organizam as atividades agrícolas em torno da criação de bovinos de corte e das atividades de lavoura. Os estabelecimentos destes pecuaristas possuem um estilo de organização empresarial, os chefes/responsáveis são mais jovens e têm maior nível de escolaridade.

Este perfil reúne pecuaristas que revelam o menor número de residentes, assim como a menor média de dias trabalhados no estabelecimento, considerando apenas os membros da família. Do perfil empresarial, mais de 90% da mão-de-obra total disponibilizada é de origem externa, ou seja, contratada. Praticamente a metade dos pecuaristas deste perfil realizou mudanças nos sistemas de produção entre os anos 2001 e 2004. Cerca de 17% aumentaram as áreas de lavouras com redução do rebanho e 12% o fizeram sem reduzir o número de animais.

Entre as principais motivações dos pecuaristas para atuar na bovinocultura, 21,6% deles expõem que atuam por satisfação pessoal, 22% pela segurança que a atividade proporciona e 20% pela perspectiva de lucro advinda da atividade. Os percentuais de pecuaristas que atuam na pecuária pela segurança e pelos lucros são os mais representativos, se comparados com a média dos demais perfis. Assim, eles manifestam motivações também de caráter econômico para atuar na criação de bovinos.

O perfil dos *Pecuaristas-Lavoureiros Convencionais* é formado a partir de 55 pecuaristas e corresponde a 10,7% do total da amostra. De modo geral, este grupo possui algumas similaridades com o perfil anterior, principalmente em relação à organização produtiva, ou seja, predominantemente combinam a pecuária, basicamente bovinocultura de corte, e atividades de lavoura. As principais diferenças estão relacionadas à mão-de-obra, produtividade, rendimentos e renda.

O número médio de residentes e de pessoas da família que trabalham no estabelecimento é superior ao encontrado no perfil dos *Pecuaristas-Lavoureiros Especializados*. O número de dias trabalhados no estabelecimento, de quatro a cinco dias, é o mais expressivo entre todos os perfis. A média de anos de frequência

escolar é de 11,1 anos, pouco superior à média do perfil dos Pecuaristas Estagnados e Pecuaristas Estabilizados e inferior à encontrada nos Lavoureiros-Pecuaristas Especializados. A participação da mão-de-obra familiar é de 20,6%, o percentual mais expressivo entre os Pecuaristas-Lavoureiros.

4. Perspectivas sucessórias entre os pecuaristas criadores de bovinos de corte

A bovinocultura de corte do Rio Grande do Sul está estreitamente associada com a ocupação do estado. Em função da localização e dos aspectos geopolíticos, a implantação desta atividade foi diferenciada dos demais estados do Brasil. Dessa forma, os aspectos de caráter não econômicos também influenciam na dinâmica dos estabelecimentos envolvidos com a criação de bovinos de corte. Neste sentido, o entendimento da configuração atual da atividade demanda a incorporação de componentes que ultrapassam a esfera dos aspectos técnico-produtivos e das oportunidades de mercado. De modo geral, essa atividade, em nível de Rio Grande do Sul, incorpora fortes componentes ligados à história e à tradição. Estes aspectos, em maior ou em menor grau, contribuem para forjar a diversidade de pecuaristas e/ou estabelecimentos, assim como de sistemas de produção observados no espaço agrário sul rio-grandense.

Nesta perspectiva, as relações ligadas à tradição familiar e aos modos de vida dos pecuaristas se constituem em objetivos e componentes que contribuem para justificar a permanência dos estabelecimentos, assim como a criação de bovinos, mesmo com uso de tecnologias e retorno financeiro baixo, e muitas vezes negativo. Neste contexto, as questões relacionadas à sucessão assumem um

papel relevante no que concerne ao entendimento das decisões dos pecuaristas e à organização dos estabelecimentos pecuários.

Considerando o total de pecuaristas relacionados na pesquisa, 86% manifestam o desejo de permanecer atuando na pecuária/agricultura. Para estes, a propriedade da terra é um bem patrimonial que deve ser deixado para os filhos ou filhas. Está relacionado a esta afirmação o apego à terra enquanto um local onde se constituiu uma família e se retira o sustento por mais de uma geração. De acordo com Wolf (1976, p.28) “a propriedade é tanto uma unidade econômica como um lar”. Outra razão para deixar a terra para os filhos é o potencial produtivo expressivo do estabelecimento, especialmente quando estes são maiores ou são mais capitalizados. Quanto aos demais entrevistados, 9% não pretendem seguir na ocupação e 5% não sabem.

Manifestação de desejo de que os filhos e filhas permaneçam na atividade



Figura 1 - Perspectivas dos pecuaristas no que se refere ao desejo de que os filhos e filhas permaneçam na atividade agropecuária.

Fonte: ANDREATTA (2009), com base em SEBRAE; SENAR, FARSUL (2005).

A perspectiva de continuidade através da sucessão é apontada por 72% dos pecuaristas (totalizando 371 entrevistados), enquanto 20% afirmaram que não gostariam que seus filhos seguissem na ocupação (somando 105 pecuaristas). Entre os pais que manifes-

tam o desejo de que os filhos não permaneçam na atividade, 59% dos estabelecimentos destes apresentam renda agrícola negativa. As dificuldades financeiras relacionadas às atividades agropecuárias tendem a ser um dos fatores para que esses pecuaristas manifestem o desejo de que os filhos sigam outra profissão.

Com o intuito de concretizar a perspectiva de continuidade, os entrevistados foram questionados sobre a existência de sucessores entre seus descendentes. Ter um filho identificado ou apontado como possível sucessor é o caso de 68% dos entrevistados (FIG. 2). No entanto, o que os pais querem e o que os filhos desejam nem sempre está em sintonia. Apesar de não estar entre os objetivos deste estudo discutir a relação entre a expectativa e a concretização da sucessão, é importante ressaltar que nas condições em que a perspectiva dos pais não se confirma, a continuidade dos estabelecimentos pode ser comprometida.

O trabalho de Handfield *et al.* (2005), realizado em estabelecimentos familiares do Canadá, demonstrou que, mesmo em caso de sucessores já definidos, a sucessão pode não se concretizar. Isto ocorreu tanto nos casos em que o sucessor planejava assumir, como nos casos em que ele já havia assumido. A desistência pode acontecer em razão de objetivos distintos entre pais e filhos. Os motivos principais para a desistência dos filhos, antes mesmo da transferência do estabelecimento, foram as divergências entre os seus próprios projetos e dos seus pais ou a proposta de transferência do estabelecimento feita pelo pai contrariava a expectativa dos filhos.

O estudo de VÄRE *et al.* (2005) demonstra que, embora os pais afirmem ter identificado um de seus filhos como um possível sucessor, isso não significa a concretização da sucessão. Neste estudo, os autores chamam a atenção para o fato de que, de

todos os agricultores que afirmavam ter sucessor, somente 31% conseguiram efetivar a sucessão. Por outro lado, dos que não planejavam transferir o estabelecimento para um sucessor, 96% conseguiram ter êxito no processo.

Identificação de um possível sucessor

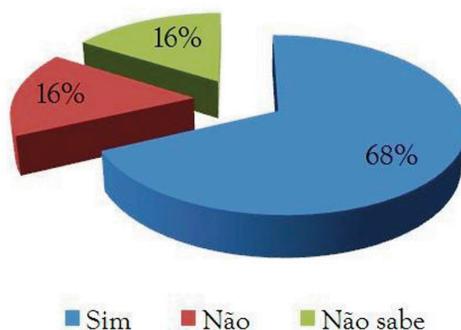


Figura 2 - Perspectivas dos pecuaristas no que se refere à identificação de possíveis sucessores. Fonte: ANDREATTA (2009), com base em SEBRAE; SENAR, FARSUL (2005).

Apesar da maioria dos entrevistados apontarem na direção de um possível sucessor, aproximadamente 16% não sabem e outros 16% não possuem nenhum filho identificado para tal finalidade. Neste sentido, 32% (ou 163 pecuaristas) têm dúvidas sobre a continuidade de seus estabelecimentos através da permanência de um descendente.

Considerando os diferentes perfis de pecuaristas, observa-se que a maioria dos entrevistados, independentemente do perfil a que pertencem, manifesta o desejo de continuar atuando na agricultura/pecuária.

Na questão relacionada ao desejo dos pais de que os filhos sigam na atividade, os Pecuaristas-Lavoureiros são os que mais manifestam o desejo de que os filhos prossigam na mesma ocupação, com percentuais acima de 75%. No perfil dos Pecuaristas Estacio-

nários, 20% dos entrevistados, e no dos Pecuaristas Consolidados, 25% das respostas dos entrevistados, afirmam não desejar que os filhos prossigam atuando nas atividades agropecuárias.

Em relação à identificação de um sucessor, as respostas também apresentam diferenciações. Estas seguem a mesma lógica da questão referente ao desejo de que os filhos permaneçam na atividade. O percentual que aponta as maiores possibilidades na identificação de um sucessor é superior entre aqueles que configuram os perfis dos Pecuaristas-Lavoureiros, ou seja, em torno de 73% (FIG. 3). Uma das razões para essa diferenciação são as condições econômico-financeiras dos pecuaristas que compõem estes dois perfis, uma vez que o grau de capitalização e a mecanização destes tendem a se diferenciar dos demais. Além disso, a capitalização e a mecanização podem ainda estar relacionadas a um *status* social dentro da comunidade.

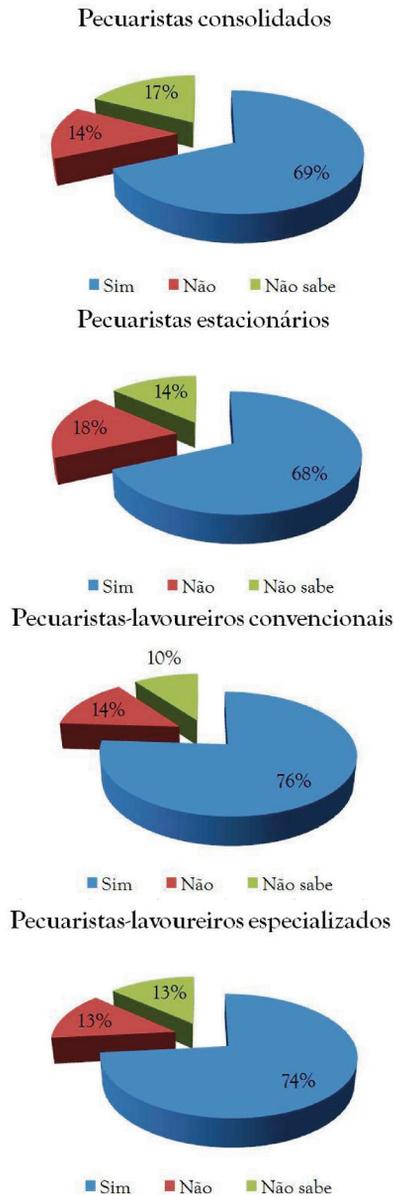


Figura 3 - Perspectivas dos pecuaristas, no que se refere à identificação de possíveis sucessores.

Fonte: ANDREATTA (2009), com base em SEBRAE; SENAR, FARSUL (2005).

No que se refere às questões relacionadas à sucessão, a conformação dos perfis de pecuaristas se assemelha, em larga medida, à análise de Gidarakou *et al.* (2004). Em um estudo com agricultores na Grécia, os referidos autores identificaram que, além do tamanho, fatores como a localização e os sistemas de produção têm um papel fundamental na permanência dos filhos no estabelecimento agrícola. Os agricultores localizados em áreas menos favorecidas (montanhosas e de difícil mecanização), com sistemas de criação extensivos ou pouco produtivos e rentáveis, tendem a apresentar menos condições para a sucessão, quando comparados com agricultores localizados em áreas mais planas, aráveis e mecanizáveis ou que residem em áreas próximas aos perímetros urbanos.

Os trabalhos de Gasson *et al.* (1988); Gasson e Errington (1993) sobre a realidade agrícola envolvendo agricultores ingleses também demonstram que a identificação e a presença de um sucessor dependem das oportunidades ou restrições com que os agricultores trabalham: os que trabalham com uma condição econômica mais favorável apresentam maiores possibilidades, ou seja, nos estabelecimentos com maior área e maior eficiência econômica, é possível identificar um sucessor mais facilmente, se comparados aos estabelecimentos menores.

Considerando a pesquisa com os pecuaristas no Rio Grande do Sul, as dúvidas em relação à presença de sucessores são maiores entre os perfis de Pecuaristas Estacionários e Consolidados. No primeiro perfil, aproximadamente 27% dos entrevistados não identificaram ou não sabem se terão sucessores. Da mesma forma, no segundo perfil, cerca de 30% deles encontra-se na mesma situação. Ao contrário dos Pecuaristas - Lavoureiros Especializados e Convencionais, os dois perfis citados acima, em

razão das condições econômicas mais desfavoráveis, tendem a enfrentar maiores incertezas em relação à sucessão, tanto nos aspectos referentes à manifestação de que os filhos permaneçam na atividade, como na identificação de um sucessor.

Em um estudo recente, Spanevello (2008) trabalhou com a perspectiva de permanência e a sucessão em estabelecimentos rurais na Região Central do Rio Grande do Sul. A análise considerou 43 agricultores familiares e identificou que cerca de 40% deles não tem sucessores. De acordo com a autora, a sucessão profissional depende, em grande parte, das condições produtivas e econômicas do estabelecimento. Assim, agricultores com melhores condições, no que concerne aos quesitos acima relacionados, são os que têm as maiores chances de ter a sucessão assegurada.

Além do mais, pode-se argumentar que as incertezas sucessórias podem estar atreladas ao próprio estímulo dos pais à saída dos filhos em busca de outras ocupações. Esta situação é mais facilmente identificada em estabelecimentos em que as condições produtivas e econômicas são desfavoráveis. Spanevello (2008) observa que, à medida que os pais constatam dificuldades econômicas e de infraestrutura em seus respectivos estabelecimentos, encaminham os filhos para outras ocupações.

A pesquisa de Silvestro *et al.* (2001), realizada em Santa Catarina, ressalta que 16% dos pais descapitalizados desestimulam seus filhos a serem agricultores; considerando os agricultores que estão em uma situação de transição, a proporção é de 7%. Entre os pais capitalizados, 10% desestimulam os seus filhos a serem agricultores. Com relação ao estímulo para que todos os filhos sigam como agricultores, os pais capitalizados (52%) e em transição (64%) incentivam mais os filhos a permanecerem no ramo de atividade do que aqueles pais em situação de descapitalização (31%).

O estudo de Silvestro *et al.* (2001) também demonstra o percentual de pais que procura não influenciar na decisão dos filhos, no que se refere à permanência destes na agricultura. Neste sentido, 47% dos pais que estão com seus respectivos estabelecimentos em situação de descapitalização não interferem na escolha da profissão dos filhos, seguido de 29% dos que estão em uma fase de transição. Em 33% dos estabelecimentos classificados como capitalizados, todos os filhos são estimulados a permanecer na agricultura.

Além das razões acima mencionadas, o perfil da atividade e/ou dos sistemas de produção implementados, os objetivos, os aspectos não econômicos, como a tradição e a satisfação pessoal, também são questões que precisam ser observadas e que tendem a influenciar nas dinâmicas sucessórias em estabelecimentos agrícolas.

De modo geral, com relação ao número expressivo de pecuaristas que não têm sucessores identificados ou que não sabem se o terão, as atividades pecuárias, especificamente a da bovinocultura de corte, que é mais compatível quando se trata de conciliar a rotina interna no estabelecimento com outras atividades externas. O calendário da bovinocultura de corte, principalmente a desenvolvida aos moldes extensivos, tende a ser mais flexível, demanda menos disponibilidade de mão-de-obra e permite aos pecuaristas realizar as atividades de acordo com sua disponibilidade de tempo. Essa possível compatibilização com outras atividades é um fator que pode facilitar a identificação de um sucessor, ainda que o retorno financeiro seja menos expressivo, se comparado com outras atividades (lavouras anuais, arrendamentos, cultivo de flores-tas de espécies exóticas).

Considerando que no Rio Grande do Sul essa atividade também está associada à tradição, podem ocorrer situações em que o estabelecimento está relacionado a uma função lúdica e a um estilo de vida, principalmente se for analisado que, em torno de 30% dos estabelecimentos, observa-se a presença de renda não agrícolas. Essa renda é majoritariamente relacionada ao setor de serviços, representado por um número expressivo de profissionais liberais. Nestes casos, a eficiência produtiva e os rendimentos da atividade pecuária podem ser objetivos secundários; no entanto, a permanência da propriedade é um objetivo muito importante. Assim, a posse da terra, e por consequência a permanência do estabelecimento familiar, é uma razão para que os pais se esforcem para identificar pelo menos um sucessor ou sucessora.

5. Considerações finais

A dinâmica da reprodução social, envolvendo a permanência dos filhos no lugar dos pais no papel de sucessores, impacta diretamente no que se refere ao futuro dos estabelecimentos com produção agropecuária. Esse impacto ocorre sobre a própria continuidade da ocupação na pecuária e, ainda, na dinâmica econômica local e regional dessa atividade.

Estas reflexões têm como base o fato de que nem todos os entrevistados têm certeza sobre a sucessão de seus respectivos estabelecimentos. Como exemplo do que acontece com produtores essencialmente agrícolas (conforme estudos já citados), os produtores dedicados à bovinocultura de corte, apesar das características (tradição, flexibilidade nas práticas, procedimentos e calendário de trabalho), também tendem a enfrentar as incertezas sucessórias.

Os entraves quanto à sucessão tendem a ser maiores entre os pecuaristas mais descapitalizados ou com condições econômicas mais desfavorecidas, muito embora a grande maioria dos pecuaristas enquadrada nesses dois perfis almeja que os filhos permaneçam atuando nas atividades agropecuárias.

Em relação à forma intensiva de capitalização dos estabelecimentos como um facilitador na identificação de um sucessor, na bovinocultura de corte, principalmente aos moldes extensivos, há uma situação diferenciada, se comparada com estabelecimentos que trabalham especificamente com cultivos. A flexibilização do calendário de trabalho interno no estabelecimento, a possibilidade de exercer outras atividades externas e ao mesmo tempo manter o funcionamento do estabelecimento, a influência da tradição e/ou dos estilos de vida dos pecuaristas são fatores que facilitam a identificação de um sucessor.

Notas

¹ ANDREATTA, T. **Bovino cultura de corte no Rio Grande do Sul: um estudo a partir do perfil dos pecuaristas e organização dos estabelecimentos agrícolas.** Tese (Doutorado em Desenvolvimento Rural) - Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2009.

²A primeira etapa do tratamento da base (seleção de variáveis representativas) deu-se através da utilização da análise fatorial. Para a extração dos fatores utilizou-se o Método dos Componentes Principais, com eigenvalues acima de 1; para a rotação dos fatores utilizou-se método de rotação ortogonal Varimax com Normalization Kaiser. As 42 variáveis utilizadas, dimensionadas em dez fatores, respondem por 74,168 % da variância dos dados.

³Com base nas variáveis que dimensionaram os “fatores” da análise fatorial, realizou-se a análise clusters. Assim utilizou-se a análise de cluster hierárquico (Método de Ward), e como medida de similaridade, utilizou-se a “Distância Euclidiana ao Quadrado”.

Referências bibliográficas

ANDREATTA, T. **Bovinocultura de corte no Rio Grande do Sul**: um estudo a partir do perfil dos pecuaristas e organização dos estabelecimentos agrícolas. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Rural) - Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2009.

BONNEVIALE, J. R.; JUSSIAU, R.; MARSHALL, E. **L'aprocche globale de l'exploitation agricole**: d'ou vient-elle? evolution des concepts et des methodes. Dijon: INRAP, 1989.

BRUMER, A.; SPANEVELLO, R. M. **Jovens agricultores da Região Sul do Brasil**. Porto Alegre: UFRGS; Chapecó: Fetraf-Sul/CUT, 2008. Relatório de Pesquisa.

CHAMPAGNE, P. **La reproduction de l'identité**. Actes de la Recherche en Sciences Sociales, Paris, n 65, nov. 1986^a, pp.41-64.

CHIA, E.; RAMDAN, V. Como Estudar el Comportamiento de los Productores Agrícolas en una Perspectiva de Desarrollo. **XXX Reunión Anual de la Asociación Argentina de Economía Agraria (AAEA)**, Bahia Blanca, 1999.

CHIA, E. *et al.* Comprender, dialogar, coproducir: reflexiones sobre el asesoramiento en el sector agropecuario. **Agrociencia**, Montevideo, v 07, n 01, pp.77-91, 2003.

DIRVEN, M. **La herencia de tierras y la necesidad de rejuvenecimiento del campo latinoamericano**: propuestas preliminares. Santiago do Chile, 2001. p. 1-26. Disponível em: <www.iica.org>

uy/redlat/docu17.doc>. Acesso em: 25 nov. 2007.

HANDFIELD, M. et al. L'insuccès de la transmission de la ferme familiale: perspectives parentales. In: JEAN, Bruno; LA-FONTAINE, Danielle (dir.). **Territoires et fonctions**. Tome 2: Des pratiques aux paradigmes: Les systèmes régionaux et les dynamiques d'innovation en débats. Rimouski, Québec, Canada: GRIDEQ, 2005. pp.189-203.

GASSON, R. Goals and values of Farmers. **Journal of Agricultural and Resource Economics**, v 24, 1973, pp. 521-537.

GASSON, R.; ERRINGTON, A. **The farm family business**. Wallingford: Cab International, 1993.

GASSON, R. *et al.*, **The farm as a family business: a review**. **Journal of Agriculture Economics**. London, v 39, n 01, pp.1-41, 1988.

GIDARAKOU, I. et al. **Pluriactivity and sucession in small family farms: the case of two less favoured areas in Greece**. In: CRISTÓVÃO, A. Farming and rural systems research and extension: european farming and society in search of a new social contract: learning to manage change. Vila Real: Editora da UTAD, 2004. p. 151-159. Disponível em: <http://home.utad.pt/~des/ifsa/ifsa_6th_eu_proceed.pdf>. Acesso em: 12 nov. 2007.

ONDERSTEIJN, C. J. M.; GIESEN, G. W. J.; HUIRNE, R. B. M. Identification of farmer characteristics and farm strategies explaining changes in environmental management and environmental and economic performance of dairy farms. **Agricultural Systems**, Great Britain, v 78, n 1, pp.31-55, 2003.

RAMOS, G. **Un acercamiento teórico a los efectos del sistema de sucesión en la incorporación de los jóvenes a la agricultura Vasca**. Bilbao, 2004. Disponível em: <http://www.unavarra.es/puresoc/pdfs/c_ponencias/ramos.pdf>. Acesso em: 15 ago de 2007.

SANTOS, J. V. T. dos. **Colonos do vinho: estudo sobre a subordinação do trabalho camponês ao capital.** 2.ed. São Paulo: Hucitec, 1984.

SCHNEIDER, S. **A pluriatividade na agricultura familiar.** Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.

SEBRAE; SENAR; FARSUL. **Diagnóstico de Sistemas de Produção de Bovinocultura de corte do Estado do Rio Grande do Sul.** 2005. Relatório de Pesquisa - Centro de Estudos e Pesquisas Econômicas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2005.

SILVA, J. G. D. **O novo rural brasileiro.** Campinas: Instituto de Economia, UNICAMP, 1999.

SILVESTRO, M. *et al.* **Os impasses sociais da sucessão hereditária na agricultura familiar.** Florianópolis: EPAGRI; Brasília: NEAD, 2001.

SOROKIN, P. *et al.* Diferenças fundamentais entre o mundo rural e urbano. In: MARTINS, J. de S. (Org.) **Introdução crítica à sociologia rural.** São Paulo: Hucitec, 1986. p. 199-224. (Coleção Estudos Rurais).

SPANEVELLO, R. M. **A dinâmica da sucessão na agricultura familiar.** 2008. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Rural) - Programa de Pós Graduação em Desenvolvimento Rural, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2008.

VÄRE, M. *et al.* **Should one trust a farmer's succession plan? Empirical evidence on the intention-behaviour discrepancy from Finland.** 2005. Paper prepared for presentation at the XI Congress of the EAAE (European Association of Agricultural Economists), The Future of Rural the European in Global Agri-Food System. Copenhagen, 24-27 agosto de 2005. Disponível em: <<http://>

ageconsearch.umn.edu/bitstream/123456789/10994/1/pp05va02.pdf>. Acesso em: 4 jun. 2006.

WANDERLEY, M. N. Raízes históricas do campesinato brasileiro. In: TEDESCO, J. C. (Org.) **Agricultura familiar: realidade e perspectivas**. 3.ed. Passo Fundo: Editora da UPF, 2001. pp.21-55.

WOLF, E. **Sociedades camponesas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

WOORTMANN, E. **Herdeiros, parentes e compadres: colonos do Sul e sitiante no Nordeste**. São Paulo: Hucitec; Brasília: Editora da UNB, 1995.